

**FACCAMP**  
**Faculdade Campo Limpo Paulista**

Karina Dias Rodrigues

## **Árabes e seus descendentes na região de Jundiá**

Campo Limpo Paulista

2009

**FACCAMP**  
**Faculdade Campo Limpo Paulista**

Karina Dias Rodrigues

## **Árabes e seus descendentes na região de Jundiáí**

Trabalho apresentado por ocasião da entrega  
do Texto de conclusão de curso de História-licenciatura  
tendo como orientador o professor Murilo Leal.

Campo Limpo Paulista  
2009

## **RESUMO**

A partir de 1870, fatores como perseguição religiosa, guerras e outros conflitos fizeram com que muitos árabes, em sua maioria libaneses cristãos, deixassem o Retângulo Árabe em busca de novas oportunidades e meios de subsistir e honrar sua família. O Brasil, segundo colocado no ranking de países que mais receberam esses imigrantes, teve seu comércio dominado por eles, primeiramente como mascates, depois como lojistas e empresários industriais.

O excesso de imigrantes na cidade de São Paulo fez com que muitos patrícios buscassem novos mercados consumidores no interior. Jundiaí, fim da linha férrea Santos-Jundiaí, recebeu inúmeros desses indivíduos. Eles se fixaram na cidade e desenvolveram seu comércio e sua indústria, mais tarde fazendo parte também da política da região. Passaram, então, a comportar-se mais como jundiaienses do que como árabes, deixando marcas em muitos aspectos da sociedade jundiaiense.

## **PALAVRAS CHAVE**

- Jundiaí
- Imigração árabe

## SUMÁRIO

Resumo.....	03
Introdução.....	05
1. A imigração.....	06
1.1. <i>Árabes: a origem...</i> .....	06
1.2. <i>Ponto de partida: saindo das areias do deserto.....</i>	07
1.3. <i>Destino Jundiahy: chegando ao pé da serra.....</i>	10
2. A fixação.....	13
2.1. <i>Vivendo na cidade das uvas.....</i>	13
3. A adaptação.....	15
3.1. <i>Entre vizinhos.....</i>	15
3.2. <i>Uma mesquita entre nós.....</i>	19
Considerações finais .....	21
Bibliografia.....	23

## **INTRODUÇÃO**

Os árabes vieram para Jundiaí e hoje fazem parte da sociedade de maneira indissociável. Mas quais foram os fatores que levaram a um fluxo migratório para um país como o Brasil, e os mantiveram aqui a ponto de tornarem-se brasileiros? Este trabalho busca levantar a identidade dos imigrantes árabes, os fatores que levaram à saída de seus países de origem – e enfim, sua migração, fixação e adaptação em território nacional, mais especificamente na região da cidade de Jundiaí, contribuindo com seus costumes para uma nova fase da comunidade nativa local.

No capítulo 1, abordaremos os motivos que levaram os árabes a deixarem suas terras e migrar, e como se deu sua chegada ao Brasil. No capítulo 2, trataremos de assuntos relacionados a fixação desses imigrantes em Jundiaí e cidades vizinhas. Por fim, no capítulo 3, analisaremos a adaptação dos mesmos na sociedade jundiaense, sob vários aspectos – como o social e o religioso, por exemplo.

Essa pesquisa tenta entender, através dos imigrantes provenientes do Retângulo arábico, os movimentos migracionais que influenciaram todo o cotidiano regional tornando-o aquilo que é hoje.

## 1 - A IMIGRAÇÃO

### *1.1. – Árabes: a origem*

Os árabes estão presentes na região de Jundiáí e colaboram para o seu desenvolvimento de diversas formas. Porém, é preciso definir, antes de mais nada, em que consiste a identidade árabe.

O termo “árabe” está em uso desde 4.000 a.C., porém seu sentido mudou conforme o tempo. Segundo Jorge Salim Safady<sup>1</sup>, em hebraico antigo seria “*erev*”, que tem relação com as palavras tarde, ocidente, deserto, oásis. Deste vocábulo descenderam outros dois – hebreu e árabe – que eram usados para designar os povos nômades que viviam nas regiões desérticas das atuais Síria, Líbano e Palestina. Ao se dizer Arábia, geralmente referia-se ao país dos árabes, dos nômades.

Com a expansão islâmica, o termo árabe se estendeu à língua em comum e à cultura islâmica. Então, o mundo árabe passou a abranger a região antiga (chamada de Retângulo Árabe), o norte da África (Al-Magrib) e uma parte da península Ibérica (Portugal, Espanha). Mas depois, com a expulsão dos muçulmanos da península e a posterior queda do maior império islâmico do mundo em 1922<sup>2</sup>, era preciso encontrar outras definições para o termo árabe.

Hoje, há três fatores que podem ajudar na determinação de um indivíduo árabe: o fator político (se seu país de origem faz parte da Liga Árabe<sup>3</sup>); o fator lingüístico (se sua língua de berço é árabe); e o fator genealógico (se é descendente dos primeiros habitantes da península arábica). No Brasil, o termo árabe define os imigrantes sírios, libaneses e seus descendentes que, vistos sob o olhar nativo, são partes de uma mesma massa homogênea, sem referências claras para haver separação entre as diferentes origens desse povo.

Este trabalho utilizará o termo para designar os povos vindo de países (ou regiões), que fazem parte da Liga Árabe, citando sua nacionalidade em casos específicos ou quando for preciso. Visto que do total de imigrantes árabes que entraram no país, 70% são de origem libanesa, não teremos problemas com diferenças gritantes em nosso estudo; contudo, a que houver será devidamente especificada no decorrer dos capítulos.

---

<sup>1</sup> SAFADY, Jorge Salim. A imigração Árabe no Brasil. In: CARPIGIANI, Wilson (org). *História da Imigração no Brasil-As famílias*. vol 1. 2ª ed. Cultura Brasileira. São Paulo, 1981.

<sup>2</sup> O Império Turco- Otomano (1299-1922)

<sup>3</sup> Atualmente a Liga Árabe compreende 21 países: Líbano, Iraque, Egito, Síria, Jordânia, Arábia Saudita, Iêmen, Sudão, Líbia, Tunísia, Marrocos, Kuait, Argélia, Iêmen do Sul, Bahrein, Qatar, Omã, Emirados Árabes, Mauritânia, Somália e Djibuti, contando também com representantes palestinos.

## 1.2. – Ponto de partida: saindo das areias do deserto

*“Se um dia o povo desejar a vida,  
Por certo ditará o seu próprio destino”*

(Ax-Chábi, poeta tunisino)

Até o começo do século XX, a Grande Síria - ou Síria Geográfica, como é usualmente chamada - uma localidade que abrangia os territórios da atual Síria, Líbano e Palestina, era dominada pelo Império Turco Otomano, que foi, simplesmente, o maior império muçulmano do mundo. Levando a cabo a doutrina islâmica, que dizia que o Islã devia ser levado a todos, pressionou o quanto pôde os seguidores de outras religiões, mesmo que fossem também monoteístas.

Os libaneses estavam nesse grupo. Influenciados pelas missões de protestantes cristãos americanos, logo depois seguidas por francesas e outras, os habitantes do Monte Líbano eram uma ilha cristã num oceano muçulmano. Com uma economia essencialmente agrária, o mundo ocidental desenhado pelas universidades cristãs parecia o lugar ideal para obter sucesso material e elevar o *status* de toda sua família. A partir de 1870, aproximadamente, iniciou-se um fluxo constante de migrações de libaneses (e alguns sírios, mas numa escala muito menor) para as terras do continente americano. Segundo os autores<sup>4</sup> do artigo “Árabes: uma história antiga”, postado no site da Etni-cidade, a imigração do povo árabe para o Brasil se separa em duas grandes etapas: uma de 1870 terminando na 2ª Guerra Mundial, e a outra, de 1945 até hoje. Essas duas etapas subdividem-se, por sua vez, em algumas levas migratórias.

A primeira leva da primeira etapa corresponde ao período de 1870 até 1900. Neste período, muitos imigrantes chegavam ao Brasil em navios à vapor, e entre eles, os libaneses cristãos e alguns sírios. Buscando liberdade religiosa e enriquecimento, eles entravam no país com passaportes turcos (por isso serão chamados de turcos sem ser, na realidade, originários da Turquia) e com recursos próprios, com a intenção de acumular o máximo de dinheiro que conseguissem e voltar. Diferentemente dos italianos e japoneses, o governo brasileiro não tinha convênio algum com os países árabes – uma vez que estes também não eram soberanos – mas isso não impediu a vinda de uma quantidade significativa de imigrantes provenientes dessas terras para o Brasil. Nesse período, as missões cristãs, as crises agrárias, o aumento

---

<sup>4</sup> Blandine Mol de Araújo, Carlos Eduardo Cayres de Matos, Carlos Leandro Camejo de Souza, Luciana Marques Meireles, Raquel Rossi Mendes e Tathiana C. Tenório da Silva, coordenados pelo professor Mohammed El Hajji. Disponível em: <<http://www.etni-cidade.net>>. Acesso em: 30/08/09.

populacional e a pressão religiosa incentivaram a decisão familiar de mandar indivíduos do sexo masculino, jovens solteiros, para conseguir recursos longe de casa.

A segunda leva compreende o período de 1900 até o início da 1ª Grande Guerra, em 1914. Com os primeiros imigrantes estabilizados, alguns deles já atacadistas, formou-se uma corrente de apoio ao patrício imigrante, altamente dinâmica. Juntando os fatores anteriores com o alistamento compulsório de jovens para o exército turco-otomano, a imigração tornou-se a saída mais viável para o problema local.

A terceira leva, que vai até 1938, é de camponeses arruinados pela guerra. O Império Turco-otomano já não existe mais, e seu território está totalmente fragmentado pelas potências européias. A Síria geográfica é dividida em 7 países<sup>5</sup>; logo depois passam a ser apenas 4. Não havia estabilidade na região, e os árabes trataram de vir se encontrar com seus parentes e conhecidos, estavelmente estabelecidos no Brasil. Em contrapartida, alguns que estavam aqui, respirando a liberdade da queda do império que os oprimia, decidiam voltar. Mas acabou sendo um pouco decepcionante para eles, que acabaram por modificar o que tinham planejado inicialmente.

[...] De fato, voltar depois de algum tempo, com recursos que no contexto econômico da terra de origem eram bastante expressivos, não foi difícil. Muitos realizaram esta alternativa. Entretanto, difícil foi permanecer. A maioria dos que retornavam havia chegado ao Brasil na condição de solteiros, ganharam algum dinheiro e voltaram; mas, comparando as possibilidades do Brasil com as da terra natal, optaram por constituir família e migrar novamente.[...]<sup>6</sup>

Lembrando que, quando o sírio ou libanês saía de sua vila agrária, não se dedicava à agricultura, e sim ao comércio, muito mais rentável e independente. Com a ajuda dos seus “primos”, que haviam chegado há mais tempo, tornavam-se mascates e, posteriormente, poderiam abrir sua própria loja; mas suas vilas de origem continuavam agrícolas e pobres. Ainda mais depois de uma guerra, qual a perspectiva de vida que existia ali, para uma pessoa que já havia sentido o gosto do sucesso financeiro? Quase nenhuma. Era melhor criar seus filhos com seus costumes, mas em outro país.

A segunda etapa tem início com a Segunda Guerra Mundial e vai até hoje. A primeira fase dessa etapa se dá no período de 1945 a 1955.

---

<sup>5</sup> Os sete países são: Síria, Líbano, Transjordânia, Palestina, Alauita, Alepo e Durusos, esses três últimos sendo já extintos. A Palestina seria, posteriormente, também dividida e ignorada.

<sup>6</sup> TRUZZI, Oswaldo M. S. *Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista*. p 322.



O início da 2ª Guerra fez com que as pessoas fugissem da área de conflito, buscando países que as acolheriam. E para piorar, em 1948, é fundado o Estado de Israel, dividindo o antigo território da Palestina e obrigando os antigos moradores a abrir espaço. Se a região estava instável, nesse momento tornou-se insuportável para muitos. Segundo o site Etnicidade, cerca de 1.500.000 palestinos deixaram a região e se dispersaram pelo mundo.

A segunda e a terceira leva de imigrantes não diferem muito entre si. Compreendendo de 1956 a 1970, e de 1970 até hoje, respectivamente, foram incentivadas por atos guerrilheiros palestinos que se alastravam por todo o Retângulo Árabe<sup>7</sup>. Já não eram majoritariamente cristãs essas levas imigratórias. Nessa última, iniciada em 1970, uma grande parte era composta por muçulmanos sunitas que fugiam do conflito e da instabilidade política de seus países. Podemos citar, deste período, a Revolução Iraniana, em fevereiro de 1979, a guerra do Líbano em 1980, e a Guerra do Golfo, em 1991. Estes e outros conflitos internos acabaram por tornar a “Terra de Sião” (como diriam os judeus), um verdadeiro inferno.

As levas de imigração acabaram por transformar, seja qual for o motivo, a estrutura social de muitos países. O EUA foi o país que mais recebeu árabes, seguido de perto pelo Brasil. Para se ter uma idéia, o Líbano tem uma população de 3,2 milhões de habitantes<sup>8</sup>, enquanto o número de libaneses e seus descendentes fora do país é de 14 milhões! Todo este contingente de imigrantes árabes, sem dúvida, contribuiu para a formação da identidade brasileira: eles, por fim, se tornaram brasileiros. E como diria o poeta Ibn Al-Uardi:

*“Não diga nunca, a minha origem e a minha linhagem.*

*Pois, a origem do jovem é o resultado obtido”.*

---

<sup>7</sup> Podemos citar a Fatah, a maior facção da OLP, que começou suas atividades nos anos 50, a Jihad Islâmica, fundada em 1975 por estudantes palestinos no Cairo e o Hamas, fundado em 1987 por um grupo islâmico.

<sup>8</sup> Segundo o site Etni – cidade. Disponível em: <<http://www.etni-cidade.net>>. Acesso em: 30/08/09.

### 1.3. – Destino Jundiahy: chegando ao pé da serra.

*Jundiahy*, uma pacata cidade do interior paulista, inicialmente formada por habitações de bandeirantes, que a usavam como base para a caça e o apresamento de índios da região, viu sua população aumentar exponencialmente com a inauguração da ferrovia Santos- Jundiaí em 1867, inicialmente denominada São Paulo Railway Company (SPR). Elevada à categoria de cidade em 1865, cinco anos depois seria descrita “como sendo um povoado ainda muito simples, situado a noroeste da capital, sobre uma extensa e aprazível colina”<sup>9</sup>. Com uma população de 7.805 habitantes, em sua maioria voltados à agricultura, viu suas fazendas crescerem e seu comércio se desenvolver rapidamente com a chegada de levas de imigrantes, a partir de 1890. Trazidos por acordos entre cafeicultores e mecanismos estatais, os estrangeiros, em grande parte italianos, substituíram a mão de obra escrava da região e integraram-se à sociedade original, deixando marcas de seus costumes que sobrevivem até hoje.

Imigração diferenciada se deu com os povos árabes. Provenientes de vilas agrícolas, e em alguns casos artesãos, eles vieram para as Américas com financiamento próprio e com o intuito de aqui fazer seu “pé de meia” e retornar. Não sabemos com exatidão quando os primeiros árabes chegaram na região, mas o auge da imigração se deu entre 1910 e 1914, nos anos anteriores a 1ª Guerra Mundial, quando aportaram no Brasil nada menos que 33.220 imigrantes de origem sírio-libanesa<sup>10</sup>. Porém, depois que os primeiros se adaptaram, formou-se uma rede de imigração altamente favorável aos novos patrícios que aqui desembarcavam; eles saíam de suas casas já com estadia e empregos garantidos, como descreveu Oswaldo Truzzi<sup>11</sup> :

Sobretudo, desde o início havia uma clara noção, fornecida pelos que chegaram antes, de por onde se deveria começar, do tipo de modalidade a perseguir, de qual era o nicho onde a colônia se havia entrincheirado com sucesso, de onde portanto existia uma rede de conterrâneos funcionando efetivamente: provendo empregos, treinando e socializando o recém-chegado.

A grande maioria dos árabes que aqui chegaram no começo do século XX, vinham para encontrar parentes e amigos, e não era raro encontrar núcleos árabes com indivíduos

---

<sup>9</sup> Descrito em 1870 pelo historiador Manuel Eufrásio de Azevedo Marques, citado pela historiadora Elizabeth Filippini no site Eccos, por sua vez indicado no site jundiahy.com.

<sup>10</sup> SAFADY, Jorge Salim. “A imigração árabe no Brasil”, p 78. Segundo Safady, até 1947 os sírio-libaneses eram o 8º bloco de imigrantes no país, chegando a registrar 79.509 pessoas aqui residentes.

<sup>11</sup> TRUZZI, Oswaldo M. S. *Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista*. In: FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América. A imigração em massa para a América Latina*. 2ª ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p 118.

originários da mesma região<sup>12</sup>. Assim que o novo patrício desembarcava em um porto brasileiro, ia ao encontro de seus contatos, que lhe forneciam bugigangas, tecidos e outras mercadorias, com as quais ele enchia uma mala e vendia em qualquer lugar em que houvesse uma concentração de pessoas. Aprendiam poucas palavras em português para facilitar a venda, pegavam suas “consignações” (os prazos para o pagamento podiam chegar a até um ano) e se aventuravam sertão adentro à procura de clientes. Truzzi mais uma vez se utiliza de uma citação, desta vez do trabalho de Emil Farhat<sup>13</sup>, para comprovar esse comportamento. O fragmento abaixo se refere a um árabe recém-chegado a Manaus:

[...] Então deram-lhes algumas mercadorias, ensinaram os nomes e os preços e orientaram: “Vai por aí, rio acima. Sempre rio acima. Entra no primeiro Paraná e daí para outro rio. Vai olhando para as margens. Vendo gente, se não estiver pelado, é freguês. Quando o sujeito não tiver dinheiro, faça trocas. Se for borracha, parta tudo em quatro, para não trazer pau dentro. Quando puder, volte para pagar o que levou”.

Foi assim que os primeiros mascates árabes chegaram a Jundiaí. Era apenas uma pequena cidade à beira da ferrovia que começava a se industrializar, mas que apresentava um grande potencial consumidor. Os imigrantes italianos, contratados pelos fazendeiros da região, viam nesses comerciantes nômades uma opção diferenciada de compras, escapando do monopólio das vendinhas dos patrões. A prática de vender aos próprios empregados e descontar no pagamento era largamente utilizada em várias partes do país, onde outros imigrantes árabes logo chegaram. A procura de mercado consumidor fez os árabes (em sua maioria sírios e libaneses) espalharem-se pelo país. Jundiaí não podia ficar de fora. O acesso à ferrovia facilitava a ida e vinda dos mascates, que podiam abastecer-se rapidamente com seus patrícios, em São Paulo. Esta cidade, por sua vez, sediava uma das maiores concentrações de sírios e libaneses do Estado, que já mascateavam nas imediações da rua 25 de março desde, aproximadamente, 1885<sup>14</sup>, e haviam se tornado varejistas. Com condições de pagamento tolerantes (muitas vezes à prazo), com a possibilidade de barganha e a facilidade de aquisição (não era necessário se dirigir às cidades para comprar), os árabes ganharam terreno no comércio de Jundiaí. A cidade crescia, e não demorou para que alguns sírios e libaneses (mais

---

<sup>12</sup> KNOWTON, Clark, Sírios e Libaneses: Mobilidade Social e espacial. (cit.) TRUZZI, Oswaldo M. S. *Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista*. In: FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América. A imigração em massa para a América Latina*. 2ª ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p 330.

<sup>13</sup> O trabalho que Truzzi cita é *Dinheiro na Estrada: Uma saga de imigrantes*, São Paulo, 1987.

<sup>14</sup> Segundo Knowton, citado por Truzzi, p 323-324.

libaneses do que sírios), logo se fixassem. A partir daí, o ambiente jundiense começava a se modificar.

## 2 - A FIXAÇÃO

### 2.1. – *Vivendo na cidade das uvas*

Mesmo sendo, originalmente, provenientes de localidades agrícolas, sírios e libaneses não estavam interessados em continuar esta atividade nas Américas. A intenção era vir, ganhar o máximo de dinheiro que conseguissem e voltar para o país de origem. Mas a volta efetiva raramente acontecia. Uma vez fixados e com uma clientela fiel, as vantagens da nova localidade se mostravam muito mais tentadoras. Como, em sua maioria, os novos mascates eram do sexo masculino e solteiros, acabavam por decidir mandar buscar a noiva, ao invés de voltar<sup>15</sup>. O comércio se mostrava muito mais rentável e independente. Os comerciantes mais antigamente fixados, como os portugueses, que se utilizavam de formas de pagamento rígidas e “honestas”, viam seus clientes sumirem logo que um árabe se estabelecia na região. Isso fez que uma oposição se formasse, e que alguns casos chegassem a ser levados às autoridades, como mostra o fragmento abaixo<sup>16</sup>, tirado de um edil da Câmara de São Carlos:

[...] nenhum dos turcos chegados ao Brasil havia pegado na enxada para deixar dez pés de café formados para o bem desse país. Que esperar pois da imigração turca? [...] O trabalho destes calças largas é só mascatear, pagando apenas 10\$000 de licença, vender gêneros de todas as qualidades (como lojistas), logrando os infelizes idiotas nos valores das notas, nos trocos, e, depois de terem arranjado dinheiro, abandonam o Brasil, sem deixar ganho algum, porque nem comem, e aquela moeda não volta mais para cá porque o Brasil não tem comércio com a Turquia, nem com o sultão e nem com suas 400 moças.

A idéia original dos árabes era de, realmente, ganhar dinheiro no novo país, mas não o tinham idealizado também seus concorrentes? Eles gastavam pouco, mas afirmar que sequer comiam era, no final, “intriga da oposição”. Conhecidos como turcos por entrarem no país com passaportes turcos (o império turco dominava a região), a denominação se tornou sinônimo de barganha, chegando a comentários maldosos, como Alfredo Ellis Júnior nos conta em seu trabalho<sup>17</sup>: “negociante congênito e por hereditariedade, [o turco] ainda o era por

<sup>15</sup> TRUZZI, Oswaldo M. S. *Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista*. In: FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América. A imigração em massa para a América Latina*. 2ª ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p 322.

<sup>16</sup> DAMIANO, Octávio Carlos. *Imprensa São Carlense. 1976-1995*. Citado por Oswaldo Truzzi, p 333. Fragmento de um edil das sessões da Câmara de vereadores da Cidade de São Carlos.

<sup>17</sup> TRUZZI, Oswaldo M. S. *Sírios e libaneses e seus descendentes na sociedade paulista*. In: FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América. A imigração em massa para a América Latina*. 2ª ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p 332.

educação. Desde o tempo dos seus antepassados de Sidon e Tiro, ele é capaz de mercadejar a própria vida, jurando não ganhar nada.”

Mas o preconceito não era mais que um ardil da concorrência, e não se refletia na sociedade; ao menos, não dessa maneira. O mascate chegava, comprava um certo imóvel, onde abria sua loja e morava. Logo ficava conhecido na região e ganhava a preferência. Podemos citar o caso de Hacid Kalaf, que veio do Líbano para Jundiaí na adolescência, e montou uma das primeiras lojas de tecido e confecções da cidade<sup>18</sup>. A chamada “Nova Loja” foi aberta embaixo do prédio no qual residia e foi pioneira na venda de roupas prontas. Já na quarta geração, a loja ainda existe, e é referência em roupas masculinas na região, apesar de ter se mudado para um local mais amplo. Hacid chegou a dirigir 5 lojas de roupas prontas, abastecendo-se principalmente com seus compatriotas da rua 25 de março. Kalaf faleceu na década de 1940 e seu nome foi dado a uma das ruas da cidade.

Cristãos, os libaneses também não tiveram problemas com a religião local. O atual prefeito, Miguel Haddad, descendente de libaneses, conta que seus pais tiveram uma grande aceitação na sociedade jundiaense por conta disso<sup>19</sup>. Aceitos, não custou para que esses hábeis comerciantes se utilizassem das proximidades das igrejas para vender seus produtos. O próprio Hacid Kalaf abriu uma loja em frente à catedral Nossa Senhora do Desterro, para aproveitar a movimentação das pessoas que vinham para os serviços ecumênicos. O prédio ainda pertence à família, mas hoje funciona uma joalheria. Apenas em 1979 foi fundado um centro islâmico em Jundiaí, influenciado por uma leva de muçulmanos vindos nos últimos 50 anos, assunto que será tratado no capítulo 3 deste trabalho. Porém, os libaneses moradores da cidade do começo do século XX eram, majoritariamente, cristãos, e souberam se aproveitar disso para se adaptar à sociedade local.

A facilidade de convivência, a religião, e um posterior investimento não só na região, mas em todo país, mostrou-se favorável a uma adaptação e uma miscigenação cultural incrível, onde se torna quase impossível separar a cultura do imigrante da do nativo. A essa adaptação e inclusão social árabes se devem mudanças que Jundiaí jamais iria esquecer.

---

<sup>18</sup> Jornal de Jundiaí on-line, reportagem de 21/06/2008. Para constar, o Jornal de Jundiaí foi fundado por descendentes de libaneses. Disponível em: <<http://www.portaljj.com.br>> . Acesso em 23/08/09.

<sup>19</sup> No documentário sobre a história de Jundiaí produzido com apoio da prefeitura. Vide bibliografia.

### 3 – A ADAPTAÇÃO

#### 3.1. – *Entre vizinhos*

Jundiaí, 1870. Chegam os imigrantes italianos em massa, para trabalhar nas fazendas de café e substituir a mão-de-obra escrava da região. Os árabes, em sua maioria libaneses, chegam à cidade para vender-lhes seus produtos, a um preço totalmente maleável. Então, estes mascates percebem que Jundiaí era um lugar muito interessante para se fixar. Não apenas se fixam, como trazem a rede de auxílio ao patricio também para a cidade.

Geralmente, tendemos a imaginar que a quantidade desses árabes na sociedade jundiaense a partir de 1870 foi totalmente irrisória. Realmente, esses imigrantes não chegaram em quantidades tão massivas quanto os italianos, mas sua presença foi sim, expressiva. Se não o foi em número, superou em títulos – como lojistas, patrões e, mais tarde, políticos influentes no município. Vejamos como isso se dá em toda a região.

Um pouco antes da 1ª Guerra Mundial (1914-18), como vimos, muitos imigrantes libaneses vieram para o Brasil, e grande parte concentrou-se na cidade de São Paulo. Mas Jundiaí também recebeu desses imigrantes. Segundo Carlos Abumrad<sup>20</sup>, havia uma residência na rua Doutor Torres Neves, com muitos cômodos, que era utilizada como “consulado” do Líbano, mas de maneira informal. Era lá que os patrícios se encontravam e se mantinham até que estivessem aptos para seguirem com seus negócios.

Feres José Muzaiel é um exemplo. Chegou a Jundiaí por volta da década de 1910 e foi recebido nessa casa. Deixando sua mulher grávida no Líbano, veio em busca das maravilhosas “fortunas” que o Barão do Rio Branco, então ministro das relações exteriores, tinha espalhado que o Brasil teria. Isso era só uma maneira de atrair mão-de-obra para a agricultura do país; porém, os árabes não estavam interessados em plantar nada, nem mesmo os que vinham para o território jundiaense, como Feres. O intuito era enriquecer e voltar para o seu país. Mas, como vimos, a volta efetiva quase nunca acontecia.

Uma vez acomodado na casa da Torres Neves, este libanês aprendeu o idioma local, arranjou um burro e começou a mascatear em toda a região, inclusive na área que, mais tarde, se tornaria Várzea Paulista e Campo Limpo Paulista. Sua função não era apenas vender – mas também levar para as fazendas notícias de tudo que acontecia na cidade e em outras fazendas. Essa função de “mensageiro”, não cabia apenas para o mascate libanês em questão, mas para

---

<sup>20</sup> ABUMRAD, Carlos. *Gente do Líbano que faz no Brasil*. São Paulo. CLC, 2007.

a grande maioria desses comerciantes nômades. Ao levar notícias aos colonos, criava-se uma rede de informações não-oficial, que deixava, às vezes, o fazendeiro numa situação um pouco delicada, ao ponto de um deles soltar os cachorros, literalmente, em um mascate que chegava às suas terras<sup>21</sup>.

Passada a guerra, Feres havia se tornado um mascate de sucesso. Mandou vir, então, sua esposa Zaquias do Líbano para Jundiáí. Aproveitando a localização estratégica do bairro Vila Arens (onde ficava a estação), comprou um imóvel ali, onde abriu sua loja na frente e morava nos fundos.

Em Jundiáí, durante os anos 20, havia apenas um banco – o Comércio e Indústria. Feres passa a acumular também a função de banqueiro: os moradores jundiaenses tinham mais confiança em deixar um árabe cuidar do seu dinheiro do que uma instituição especializada. O libanês também construiu em seu quintal alguns quatinhos de madeira, nos quais hospedava as famílias que vinham casar ou batizar seus filhos na Igreja Nossa Senhora da Conceição, também localizada na Vila Arens.

Mas qual é a importância de se conhecer a história de um libanês que viveu século passado numa cidade do interior paulista? Se analisarmos somente ele, nenhuma. Mas a maioria dos seus patrícios seguiu o mesmo exemplo, como Hacid Kalaf, Camilo Feres Abumrad, Moisés Abaid e muitos outros, dominando comercialmente toda a região – pelo menos durante algum tempo, mas o suficiente para mudar o parâmetro de negociações de todas as lojas a partir de então. Com a acumulação de capital, alguns árabes, como o descendente de libaneses José João Abdalla e o egípcio Henrich Rami, abriram indústrias em vários pontos da cidade. Abdalla fundou a Tecelagem Japi, (cujo prédio está em processo de tombamento), o matadouro de suínos Frigorífico Guapeva, o beneficiamento de trigo Moinho Jundiáí, comprou a Argos Industrial S.A. em 1930<sup>22</sup> e transferiu a Companhia Brasileira de Caldeiras e Equipamentos Pesados para a cidade em 1976. Isto apenas em Jundiáí – o empresário tinha empresas em diversos pontos do país, e uma fama de “mau patrão”. Já o egípcio Rami, que chegou a trabalhar na diretoria da Argos, fundou, em 1940, juntamente com outros empresários jundiaenses, a Filobel. Seus funcionários foram responsáveis pela urbanização da Vila Rami – o bairro não existia antes da empresa.

---

<sup>21</sup> ABUMRAD, Carlos. *Gente do Líbano que faz no Brasil*. São Paulo. CLC, 2007. p 105. Isso aconteceu com o mascate libanês Miguel Mofarrej. Com o passar dos anos, seus filhos, empresários bem-sucedidos, negaram ao fazendeiro empréstimos, deixando que o homem fosse à falência, e compraram a fazenda abaixo do preço de mercado. Era uma questão de honra.

<sup>22</sup> A Argos, durante a década de 60, foi responsável pela introdução do jeans no país, fabricando a marca Free, segundo alguns tão bonita e boa quanto qualquer marca americana. Encerrou suas atividades em 1980, porém, foi tombada como patrimônio histórico da cidade e abriga um complexo social que vai de creches a centro de convenções.



Uma vez fixados e com seus respectivos negócios obtendo sucesso na região, não convinha aos árabes ficar apenas em clubes fechados. Eles passam a agir mais como brasileiros do que como árabes. Como Feres, muitos já tinham ganho a confiança dos seus vizinhos, beneficiando e sendo beneficiados por isso. Os árabes de Jundiaí nunca tiveram uma escola apenas sua, como seus patrícios paulistanos – seus filhos eram educados nas escolas da cidade junto com filhos de gente de outras origens. São feitas alianças, sociedades, casamentos e instituições diversas entre as diferentes nacionalidades, com a presença ativa do árabe, às vezes como liderança forte.

Vejamos, por exemplo, a emancipação de Várzea Paulista. Fundada em 1886 como bairro de Jundiaí, atraiu muitos trabalhadores para seu parque industrial nascente – com especial atenção à Elekeiroz, instalada na década de 1890 e que se tornaria uma importante indústria química na região. Uma concentração urbana forma-se em torno das fábricas e da única estação de trem. Um libanês, Antônio Feres Sada, abre a segunda mercearia do bairro na esquina da estação. Seus filhos crescem entre a população e se formam ali.

Então, em 1964, um grupo reúne-se na casa de Francisco de Assis Andrade para discutir a emancipação de Várzea<sup>23</sup>. Entre eles estava, nada mais, nada menos, que um dos filhos do libanês da mercearia – o emancipador Farid Feres Sada. Farid lutou, ao lado de filhos de famílias tradicionais da região, em pleno golpe de 64, por uma administração varzina independente de Jundiaí. Não como estrangeiro, mas como brasileiro e varzino, interessado no desenvolvimento da localidade em que morava. A emancipação aconteceria mais cedo ou mais tarde, mas a presença ativa do descendente libanês nesse processo diz muito sobre a adaptação árabe no novo país. Várzea Paulista foi elevada à categoria de cidade em 21 de março de 1965.

Farid Feres Sada não foi um caso isolado. Em Jundiaí, é eleito vereador em 1982 o descendente libanês Miguel Haddad. Em 1992, torna-se vice-prefeito. Em 1994, é eleito deputado estadual. Em 1996, concorre à prefeitura e ganha, sendo reeleito em 2000. Em 2004 ocupa a presidência do Instituto Jundiaí Solidária<sup>24</sup>, e volta a ser eleito prefeito em 2008, com pouco mais de 50% dos votos válidos. Vê-se que Haddad não conta apenas com o eleitorado da comunidade árabe. A comunidade jundiaiense o aprova e o apóia, identificando-se com ele e seguindo-o. Esse fator levará, em Várzea Paulista, a eleição por vários mandatos do sobrinho de Farid Feres Sada, o vereador Ivan Sada.

---

<sup>23</sup> Em 1956, Várzea havia sido elevada a distrito com o nome de Secundino Veiga. Em 60, depois de muita polêmica, a denominação passa para Distrito de Várzea.

<sup>24</sup> O Instituto promove cursos gratuitos para renda complementar e promove doações para a população carente, com o patrocínio de empresas da região.

Tanto em Jundiaí como em Várzea Paulista existem várias ruas com nomes de árabes e seus descendentes, mostrando que eles não só passam a se apresentar como parte do local, mas também são aceitos por ele. Suas lojas, suas indústrias, sua vida pública – passam a ser identificadas como parte da História e da vida da região, e não mais como algo estrangeiro. Prova disso, é que ao serem indagadas sobre os árabes em Jundiaí, vários cidadãos mostraram-se surpresos. “Existem árabes em Jundiaí?”, foi a resposta de um deles. Outros, os relacionam com a Mesquita Omar Ben Abed Al Aziz, na Vila Arens. O islamismo tem origem árabe, mas, como vimos, a grande maioria desses imigrantes eram cristãos. A mesquita foi inaugurada em 1990, bem depois do início da influência árabe no município. Provavelmente, sem o prédio, grande parte da população acreditaria piamente que os únicos imigrantes da cidade são os italianos, tamanha foi a adaptação dos libaneses, sírios e outros na sociedade jundiaiense. Quanto à mesquita, mesmo recente, já começa a influenciar a cidade, transformando arquitetos jundiaienses em especialistas em cúpulas<sup>25</sup> e abrindo caminho para o respeito entre diversas religiões na região.

---

<sup>25</sup> O engenheiro responsável pela mesquita e sua cúpula foi o jundiaiense Antônio Pinhato. O centro poliesportivo Dr Nicolino de Lucca é um exemplo de utilização da cúpula por arquitetos da cidade.

### 3.2. *Uma mesquita entre nós*

No bairro de Jundiaí conhecido como Vila Arens, numa esquina da rua José do Patrocínio, ergue-se o prédio religioso que mais chama a atenção na cidade: é a Mesquita Omar Ben Abed Al Aziz. Com sua cúpula, sua minareta e suas gigantescas janelas de vidro, impressiona pela complexidade e pela beleza de sua estrutura. Sua construção é relativamente recente (como vimos, foi inaugurada em 1990); porém, é fruto de uma longa caminhada de árabes muçulmanos que escolheram a região como reduto.

Desde 1948, com a fundação do Estado de Israel, os conflitos na região da Palestina aumentaram radicalmente, e os países árabes sofreram grandes perdas, tanto materiais como humanas. Como resultado, a população árabe dividiu-se em três grupos: aqueles que ficaram e tentaram continuar suas vidas, seja por decisão própria ou falta de recursos; aqueles que resolvem lutar, integrando exércitos (nos países árabes já independentes, como o Líbano) ou grupos guerrilheiros, como a Fatah e o Hamas; e aqueles que decidiram imigrar (a grande maioria), indo para outros países, formando novas colônias ou integrando-se às já existentes.

Se a colônia árabe já era grande no Brasil, aumentou ainda mais a partir de então. Vários estados brasileiros receberam árabes, em grande parte muçulmanos sunitas, a partir da segunda metade do século XX. São Paulo é o mais procurado, por suas colônias já estruturadas, seguido por Paraná e Rio Grande do Sul. Pessoas que haviam fugido da fome, das guerras, ou de governos que as pressionavam, passaram a viver numa sociedade de maioria esmagadora cristã. Tem início a fundação de comunidades muçulmanas e centros islâmicos, para atender as necessidades religiosas dos novos imigrantes.

No dia 15 de novembro de 1979, é fundado o Centro Islâmico de Jundiaí, com a ajuda da Arábia Saudita à comunidade muçulmana local. Não há informações se foi coincidência ou um ato proposital, mas essa data coincide com a Revolução Iraniana, quando foi proclamada a República Islâmica do Irã e o Aiatolá Khomeini assume a presidência. Mas a obra da mesquita propriamente dita começa apenas em 1982.

O autor e engenheiro responsável pelo projeto, ao contrário do que se imagina, não foi um árabe: foi um nativo jundiaiense, o senhor Antônio Pinhato. Mas, por mais esforço que fosse feito, não existiam profissionais especializados em cúpulas no Brasil. Foi preciso aprender a fazê-las. Várias construtoras passaram pela obra e, no final, foi inaugurada com o padrão de mesquitas do século XVII – mas com materiais totalmente modernos, como concreto armado, alumínio e vidro. Os engenheiros jundiaienses, a partir daí, tornam-se os “especialistas do interior” no que diz respeito à cúpulas e estruturas do gênero.

Mais do que arquitetura, o prédio da mesquita aguça a curiosidade de quem passa. Em agosto de 2008, foram instalados alto falantes no alto na minareta. Em horários pré-determinados, há uma oração que ecoa pelo bairro todo. Segundo sheik o Jamal Ahmed<sup>26</sup>, “algumas pessoas disseram que quando escutam a oração se lembram de Deus, outras dizem que até choram”, e que o aumento das visitas aumentou a partir da instalação dos equipamentos. Em outra matéria, desta vez para o Jornal de Jundiaí<sup>27</sup>, o mesmo sheik afirma que na cidade existem cerca de 120 mil muçulmanos; porém, na pesquisa dos franceses Philippe Waniez e Violette Brustein<sup>28</sup>, que utilizam o IBGE como fonte, no estado de São Paulo todo declaram-se muçulmanos cerca de 9.884 pessoas.

Esses dados nos levam a dois caminhos: ou o sheik aumentou propositalmente a quantidade de fiéis para causar um impacto maior no jornal de circulação regional ou esses seguidores realmente existem, porém, de maneira camuflada na sociedade jundiaense, a ponto de não identificar-se como tal diante de um censo demográfico. Isto nos levaria a pensar que a comunidade local, apesar de aberta a imigrantes, não está efetivamente aberta a novas religiões. A mesquita seria o início da propagação da cultura islâmica, mas com uma aceitação muito pequena até o momento. A curiosidade é grande, porém, o medo do desconhecido faz com que muitos nunca conheçam o que, realmente, a mesquita está fazendo naquele local. Com a abertura do prédio para visitas e sua indicação como Patrimônio Histórico e Cultural de Jundiaí, sinaliza-se o começo de uma gradativa assimilação da cultura islâmica pela população nativa, abrindo espaço para o respeito mútuo entre religiões existentes na região.

A religião islâmica é a que mais cresce no mundo, alavancada pelo número de conversões e pela quantidade de filhos dos seus fiéis. Pode ser que, no futuro, Jundiaí seja uma cidade majoritariamente muçulmana. Mas isso levará algum tempo; a tradição católica ainda é muito forte e as principais festas, como a Festa Portuguesa e a Festa Italiana, ainda são promovidas pelos órgãos eclesiásticos – lembrando que o grosso da comunidade árabe da região é cristã. Portanto, pensar Jundiaí como uma cidade árabe é difícil, mesmo tendo libaneses, sírios, palestinos e outros presentes em toda a estrutura social. Os muçulmanos que chegaram mais tarde já encontraram seus patrícios inclusos na comunidade como nativos – portanto, o apoio recebido não foi proveniente, em sua grande parte, dos árabes jundiaenses. Formou-se assim, uma nova rede de apoio, desta vez não ligada à nacionalidade, mas à

---

<sup>26</sup> In: [www.redatoronline.wordpress.com](http://www.redatoronline.wordpress.com). Acesso em 30/08/2009.

<sup>27</sup> DIAS, Luana. *Muçulmanos de Jundiaí*. Jornal de Jundiaí, 02 nov 2008. Caderno Especial, pg 14-15.

<sup>28</sup> WANIEZ, Philipe. BRUSTLEIN, Violette. *Os muçulmanos no Brasil: uma geografia social*. In: Alceu, v1-v2. jan/jul.2001. pg 155 a 180.

religião do indivíduo. E, mais uma vez, essa rede trará novos integrantes para a sociedade jundiaiense, que se modificará e se moldará para o benefício de seus moradores.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Muitos árabes chegaram a Jundiaí e tiveram sucesso financeiro e profissional, sendo reconhecidos por toda a sociedade local. Contudo, devemos tomar o cuidado para não cairmos no que pode ser chamado de ideologia do “self-made-man”, ou seja, que todo imigrante chegou sem nada e “fez a América”. Muitos conseguiram, é verdade: mas muitos nunca chegaram a enriquecer. As grandes fortunas de uns muitas vezes foram feitas sobre o trabalho de outros, como verdadeiras pirâmides financeiras: como nos diz Truzzi em seu trabalho sobre imigração árabe, pode-se ver que aqueles que se tornaram a nata da sociedade são os que chegaram mais cedo, e de alguma forma, souberam infiltrar-se na nova ordem social com mais facilidade. Em Jundiaí, como já foi citado, existem libaneses, sírios, egípcios e outros que se tornaram empresários e políticos, mas muitos que apenas foram empregados e moradores de bairros populares. Formaram seus filhos em boas faculdades, mas nunca tiveram dinheiro sobrando para investir em projetos sociais como seus patrícios mais abastados. Viveram na sociedade jundiaense em pé de igualdade com os nativos, sofrendo as mesmas dificuldades, misturando-se aos costumes locais e aplicando novos aos seus vizinhos. Casaram-se com nacionalidades diferentes, trocaram de nome, juntaram-se à miscelânea étnica brasileira - e muitos de seus descendentes nem desconfiam que seus antepassados viveram no Retângulo Árabe.

Mas Jundiaí, mesmo assim, sofreu influência de todos aqueles árabes que chegaram à estação, com a esperança de ganhar o sertão. Seja por seus costumes, seja por seu comércio, a sua convivência desenhou novos limites e novas amizades em toda a região. E alguns descendentes, cujos pais e avós fixaram-se em outras cidades, hoje vêm para Jundiaí e seus arredores, constituindo, junto com indivíduos de outras origens, uma nova migração no país, desta vez interna – mas mais uma vez em busca de melhores condições de vida e oportunidades de vencer financeiramente. A “endomigração”, que antes partia de São Paulo em direção ao interior, hoje sofre um refluxo, saindo do interior em direção à cidade grande. Jundiaí, mais uma vez, está no meio do caminho.

## **BIBLIOGRAFIA**

DIAS, Luana. *Muçulmanos de Jundiaí*. **Jornal de Jundiaí**, Jundiaí, 2 nov. 2008. Caderno Especial. p 14-15.

BARDI, Maria Olívia Escudero. *Novidade em mesquita de Jundiaí causa polêmica*. **Redator online**, Jundiaí, 31 ago. 2008. Disponível em: <<http://redatoronline.wordpress.com/tag/jundiai/>> . Acesso em: 31 mar. 2009.

ISLAM, **Mesquitas no Brasil**. Disponível em: < <http://www.islambrazil.com/> >. Acesso em: 31 mar. 2009 .

FELÍCIO, Simone. *Jundiaí: Patrimônio arquitetônico abriga várias religiões*. **Guarulhos web**, Guarulhos, 18 nov. 2008. Disponível em: < <http://www.guarulhosweb.com.br/gwebnoticia> > . Acesso em: 31 mar. 2009.

MOHAMAD, Sheik Aminuddin. *A mulher no Islam*. Vol II, Moçambique: Instituto Islâmico Hanza, 2007. Disponível em: < <http://www.4shared.com> > . Acesso em: 21 fev. 2009.

HANINI, Zura Mohd El. *Noções de direito islâmico (sharia)*. 2007. 173 f. Dissertação ( Bacharelado em Direito) –Campus Universitário do Curso de Direito, Universidade da Região da Campanha, [2007].

KAMEL, Ali. *Sobre o Islã: a afinidade entre muçulmanos, judeus e cristãos e as origens do terrorismo*. São Paulo: Ed. Nova Fronteira, 2007. 2ª impressão.

IBRAHIM, A. *Um breve guia para compreender o islam*. Tradução: Maria Cristina S. Moreira. Disponível em: < <http://www.4shared.com> >. Acesso em: 21 fev. 2009.

SAFADY, Jorge Salim. *A imigração árabe no Brasil*. In: CARPIGIANI, Wilson. (Org). **História da Imigração do Brasil-As famílias**. São Paulo: Cultura Brasileira, 1981. 2ª ed, vol 01. p 66-87.

WANIEZ, Philippe; BRUSTLEIN, Violette. *Muçulmanos no Brasil: elementos de uma geografia social*. Publicação da Puc-Rio, 2000. Disponível em: < <http://www.4shared.com> >. Acesso em: 21 fev. 2009.

TRUZZI, Oswaldo M. S.. *Sírios e Libaneses e seus descendentes na sociedade paulista*. In: FAUSTO, Boris.(org). **Fazer a América: A imigração em massa para a América Latina**. 2.ed. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p 315-351.

ZOHAR, Michael-Bar; GINIEWSKI, Paul; LABEAU, Richard; PEREIRA, Mauricio Broinizi. Israel: as origens de uma guerra interminável. **História viva**, São Paulo, ano II, nº 19, p 30-51, mai 2005.

SOUSA, Rainer. *Turco ou turco-otomano?* **Alunos on line**. Disponível em: <[www.alunosonline.com.br](http://www.alunosonline.com.br)>. Acesso em: 19 set 2009.

ARAÚJO, Blandine Mol de; MATOS, Carlos Eduardo Cayres de; SOUZA, Carlos Leandro Camejo de; MEIRELES, Luciana Marques; MENDES, Raquel Rossi; SILVA, Tathiana Tenório; ELHAJJI, Mohammed(coord.). *Árabes: uma história antiga*. **Etni-cidade**. Disponível em: <[www.etni-cidade.net](http://www.etni-cidade.net)>. Acesso em: 30 ago 2009.

JUNDIAÍ. *Causos de Jundiaí*. Disponível em: < [www.jundiahy.com.br](http://www.jundiahy.com.br) > . Acesso em: 23 ago 2009.

WIKIPÉDIA. Disponível em < <http://pt.wikipedia.org> > . Acesso em 23 ago 2009.



BAPTISTA, Patrícia. *Empresário Vitor Kalaf morre aos 86 anos*. **Jornal de Jundiaí on line**, Jundiaí, 29 jun 2009. Principal. Disponível em: <[www.portaljj.com.br](http://www.portaljj.com.br)>. Acesso em 23 ago 2009.

BORGES, Roberta. *Hacib Kalaf veio, na juventude, do Líbano para Jundiaí*. **Jornal de Jundiaí on line**, Jundiaí, 21 jun 2008. Principal. Disponível em:< [www.portaljj.com.br](http://www.portaljj.com.br) >. Acesso em 23 ago 2009.

PREFEITURA DE VÁRZEA PAULISTA. *Emancipação*. **Várzea on line**. Disponível em:< [www.varzeapaulista.sp.gov.br](http://www.varzeapaulista.sp.gov.br) >. Acesso em: 23 ago 2009.

PAGNAN, Aline. *A Filobel e o egípcio que viu a Vila Rami nascer*. **Jornal de Jundiaí on line**, Jundiaí, 24 mai 2009. Disponível em:< [www.portaljj.com.br](http://www.portaljj.com.br) >. Acesso em: 24 out 2009.

ABUMRAD, Carlos. *Gente do Líbano que faz no Brasil: a saga dos imigrantes que vieram “fazer a América”*. São Paulo: CLC, 2007. 144p.:il.

CABREIRA, Márcia Maria. *Cultura e identidade em São Paulo: a imigração síria e libanesa*. **Eccos revista científica**, ano/vol. 3, nº 001, jun 2001. Disponível em:< <http://redalyc.uaemex.mx> >. Acesso em 03 out 2009.

Vídeo: *A História de Jundiaí - volume 3*. Direção Sérgio Antônio Demutti Filho. São Estúdio.